

Vol. I

# Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Coordenação de Jorge de Oliveira



# Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Vol. I

Coordenação de  
Jorge de Oliveira

ابن مروان  
IBN MARUÂN  
Revista Cultural do Concelho de Marvão

Câmara Municipal de Marvão/Edições Colibri



**Título**  
**MEMÓRIAS DA FREGUESIA DE  
SANTA MARIA DE MARVÃO**

(Número especial 2025 da Revista <<IBN MARUÁN>>)

**Vol. I**

**Edição**  
**Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri**

**Coordenação**  
**Jorge de Oliveira (Universidade de Évora, CHAIA)**

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus autores

**Design Gráfico e Paginação**  
**Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.**

Fotografia de capa

Juan Carlos Jimenez

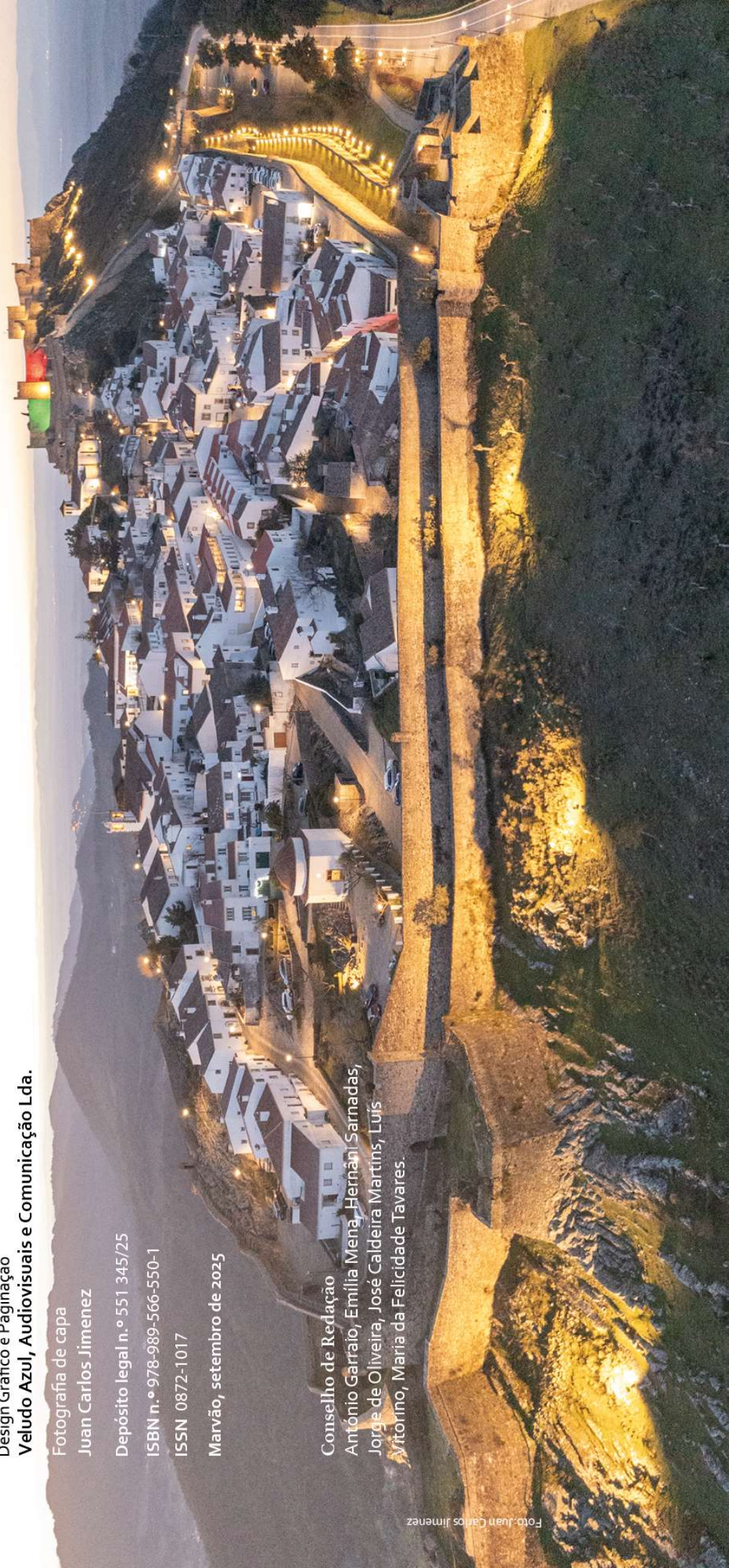
Depósito legal n.º 551 345/25

ISBN n.º 978-989-566-550-1

ISSN 0872-1017

Marvão, setembro de 2025

**Conselho de Redação**  
António Garraio, Emília Mena, Hernâni Sarnadas,  
Jorge de Oliveira, José Caldeira Martins, Luís  
Vitorino, Maria da Felicidade Tavares.





dalmáticas roxas; três véus verdes, dois brancos e dois encarnados; duas mangas de cruz, uma roxa e uma branca; três alvas com renda; seis amitos; três cíngulos; uma dúzia de sanguiños; quatro toalhas, duas de comunhão e duas de lavatórios; um cálice de prata; uma tribuna; um caixão; um pavilhão para o sacramento e um vaso para o lavatório. É ainda indicado que o sino, que se encontrava quebrado, devia ser substituído por um maior e que o cruzeiro da igreja devia ser reedificado. Como vemos, interessantes indicações especialmente sobre o património móvel da igreja e quiçá ainda possível de localizar, pelo menos em parte.

Como resultado de uma das visitas do bispo de Portalegre, o pároco dirige-se diretamente à madre prioressa de S. João da Penitência relatando o resultado dessa visita, sendo ainda referidas as necessidades da igreja de S. Julião (que dependia, como acima dissemos, dos dois priorados, Santa Maria e S. Tiago): duas vestimentas, uma verde e uma branca, uma capa de asperges verde, uma manga branca, uma toalha, meia dúzia de sanguiños e um frontal verde. O bispo ordenou ainda que, estando o altar-mor a ameaçar ruína, bem como o retábulo, este devia ser reformado, devendo ser colocadas umas sacras no altar e um Missal. O bispo determinou que as despesas deviam ser asseguradas pelos frutos dos dois priorados, pois ambos recebiam igualmente os dízimos da freguesia de S. Julião; como a comunidade das maltezas tinha duas partes das rendas de Santa Maria, o pároco de S. Julião avisava da necessidade das religiosas participarem nas despesas que surgissem.

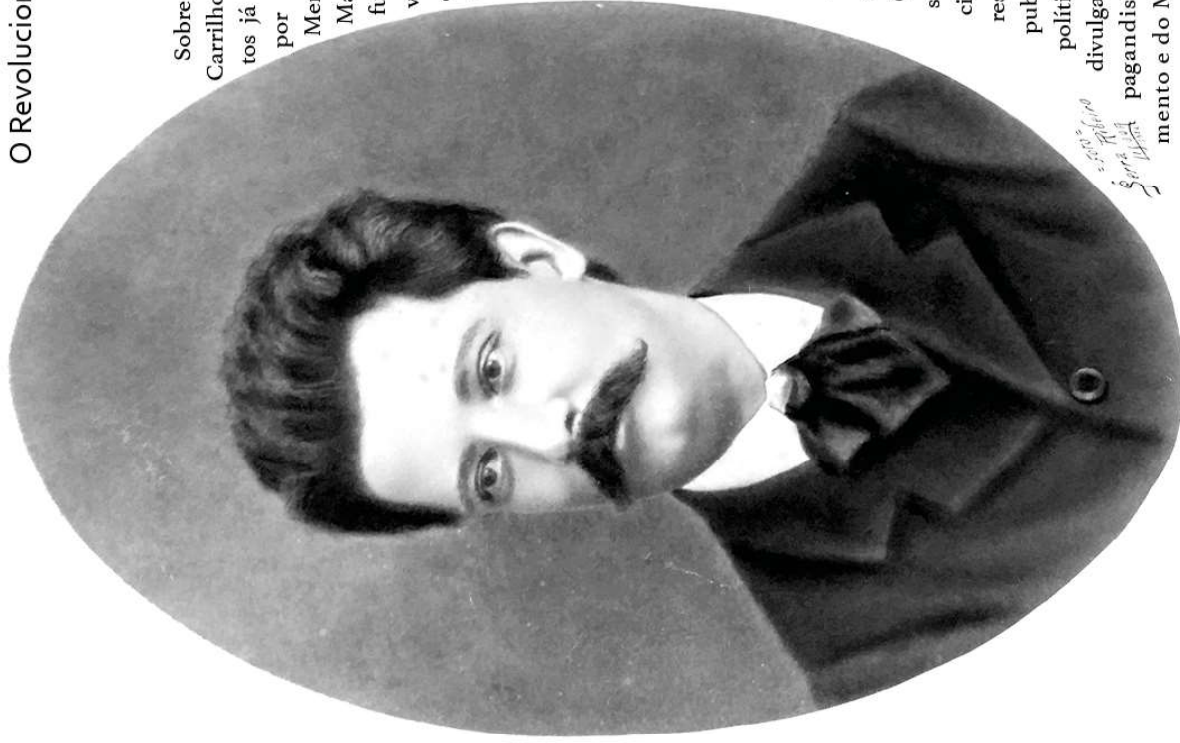
Como vemos, estes documentos, embora limitados no tempo, testemunham uma interessante teia de relações entre instituições religiosas seculares e regulares, implicando ainda a Ordem de Malta, e todo um conjunto de personagens ligado ao funcionamento da Igreja católica pós-tridentina no terreno, dos curas aos párocos, do vigário-geral ao bispo, dos priores à prioressa de S. João da Penitência, provando, a nosso ver, o dinamismo, à época, dos dois priorados instalados em Marvão, muito particularmente o de Santa Maria como Matriz da vila. Ao mesmo tempo, podemos destrinçar na documentação detalhes que nos transportam para o cumprimento da *praxis* religiosa pós-tridentina no interior do país, ao serem ditas cores preferenciais para a paramentaria (roxo, verde, branco, as cores de Trento por excelência), a variedade das vestimentas eclesiais e dos alfaia litúrgicas, de acordo com o cerimonial de cariz barroco a que estavam associados, a que os elementos musicais não eram alheios.

5 janeiro 2024

Nota: Fotos da Igreja de Santa Maria de Marvão.

**Jorge de Oliveira**  
Universidade de Évora, CHAIA

## JOSÉ CARRILHO VIDEIRA, O Revolucionário de Marvão



Sobre a vida e obra de José Carrilho Videira vários textos já foram publicados e por diferentes autores. Merecia este notável Marvanense um profundo estudo que revelasse, sobretudo, o seu pensamento e vivência política na turbulento período que antecedeu o fim da monarquia. Não é tarefa fácil reunir as suas posições políticas porque elas foram evoluindo e encontram-se dispersas por vários livros, jornais e revistas. Frequentemente Carrilho Videira serve-se de múltiplas citações dos seus autores de referência para publicitar o seu ideário político nos textos que divulga. Como editor e promotor do movimento pagandista do Livre Pensamento e do Movimento Republicano, especialmente do Federalismo, por



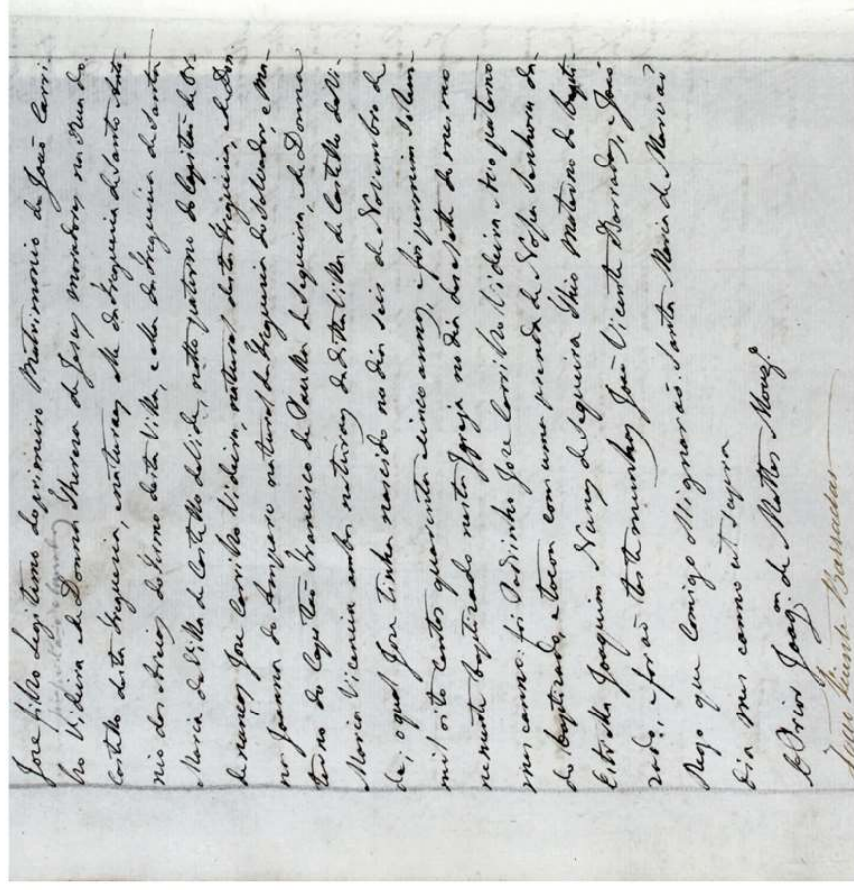
quem ele tanto pugnou, poderemos igualmente procurar melhor compreender o seu ideário através dos autores portugueses e estrangeiros cuja divulgação ele promoveu em Portugal e no Brasil. A tarefa de reunir e digerir essa informação não cabe nas intensões que nos levam a, de novo, trazer à memória, esta figura maior de Marvão, nesta publicação especificamente dirigida à freguesia onde nasceu José Carrilho Videira, editada no ano em que passamos 180 anos do seu nascimento e 120 da sua morte. Modestamente pretendemos aqui apenas apresentar uma breve nota biográfica atualizada com alguns elementos recentemente localizados e transcrever os textos que, no nosso ponto de vista, melhor revelam quem foi José Carrilho Videira, especialmente os publicados à data da sua morte, no jornal "O Distrito de Portalegre", redigidos pela pena do seu amigo de infância, José Frederico Laranjo e do anónimo correspondente deste jornal em Santo António das Areias. Porque poucos exemplares deste jornal se conhecem e os que de acesso público existem se encontram em acentuado estado de degradação optámos por aqui transcrever integralmente o que nos relata sobre a morte de José Carrilho Videira, para que esta informação chegue um pouco mais longe. Ilustra-se este breve artigo com a reprodução de diversos documentos, fotográficos e gráficos, relativos à vida e pensamento de quem tanto pugnou por um ideal e que se finou cinco anos antes da instauração dum regime republicano em Portugal.



Casa onde nasceu José Carrilho Videira, em Marvão

Vide. Foi batizado na Igreja de Santa Maria de Marvão a 17 de novembro de 1845, pelo padre Joaquim Mattos Mouzinho, tendo como "padrinhos José Carrilho Videira Avô paterno do baptizado e tocou com uma prenda de Nossa Senhora da Estrela

Joaquim Nunes Sequeira thio materno do baptizado", como consta no respetivo assento de batismo.



Assento de Batismo de José Carrilho Videira (Arquivo Distrital de Portalegre)

Filho de lavrador com algumas posses aprendeu as primeiras letras em Santo António das Areias, tendo seguido para Castelo de Vide, para junto de um erudito onde iria aprender latim, para posteriormente seguir a carreira eclesiástica, como era vontade de seu pai. Para além das declinações foi sobretudo instruído nos três valores primordiais da Revolução Francesa, "Liberdade, Igualdade e Fraternidade" que de alguma forma vieram a marcar o seu pensamento. Frequentia depois o Liceu de Portalegre. Pela pena do seu principal biógrafo e companheiro de aventuras, J. Frederico Laranjo, sabemos que se interessava mais em ler Alexandre Herculano, Garrett e Victor Hugo, ou o pensamento maçónico e vegetariano de Lamartine, do



que fazer os deveres que os seus professores lhe recomendavam. Já nessa altura começa a publicar nos jornais locais como "O Portalegrense", ou a "Gazeta de Portalegre". Segue para Coimbra para fazer os exames preparatórios para ingressar no Seminário, onde leva uma vida de boémia. Contrariava assim as pretensões do seu austero pai que o queria ver sacerdote, para poder receber uma herança destinada ao primeiro familiar de um parente pai-dre que se viesse a ordenar. Quando o pai se apercebeu que o seu filho José nunca viria a ser sacerdote cortou-lhe a mesada. Sem os recursos familiares, para além de algum dinheiro que a mãe, às escondidas lhe enviava, sobrevive de traduções que vai fazendo e rumo ao Porto para fazer os preparatórios de Medicina (1868-1869). Estava no primeiro ano e, de imediato, discorda da medicina convencional tomando partido pela Homeopatia, que nessa altura já congregava alguns adeptos, sobretudo em França e Inglaterra. Naturalmente que a sua vida de estudante de medicina no Porto rapidamente terminou. Ruma, então a Lisboa onde se matricula novamente em Medicina, na Escola Médico-cirúrgica, não terminando o curso. Paralelamente, estabelece-se como livreiro e editor e em 1871 funda a Nova Livraria Internacional, especializada na divulgação de publicações de cariz republicano. A sua casa comercial que, aparentemente, de comercial pouco tinha, assumia-se mais como um centro de propaganda republicana e socialista. Na sua livraria, na Rua do Arsenal, 96, reunia-se a intelectualidade lisboeta antimonárquica e aqui foi congeminado o

19

Matrícula de José Carrilho Videira na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa		de idade de _____ annos	
Matriculados		Exames	
Em 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa	Em 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa	No dia 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa	No dia 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa
Em 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa	Em 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa	No dia 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa	No dia 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa
Em 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa	Em 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa	No dia 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa	No dia 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa
Em 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa	Em 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa	No dia 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa	No dia 14 de Setembro de 1868 matriculou-se na classe de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa

Matrícula de José Carrilho Videira na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa

Partido Republicano que só se iria concretizar na sequência do badalado banquete do Palácio Quintela, ocorrido em março de 1875, organizado para comemorar a vitória dos republicanos franceses contra Mac-Mahon. Carrilho Videira convicto Republicano Federalista integra o Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laborais e é fundador da secção portuguesa da Associação Internacional dos Trabalhadores, mais conhecida pela Primeira Internacional. Enquanto editor e livreiro consegue fazer sair, durante vários anos, o *Almanack Republicano da Revista Estudos Livres*, através do qual para além de divulgar as suas ideias de Republicano Federalista, torna acessível, ao grande público, múltiplos textos de autores republicanos, positivistas, anarquistas e socialistas, tanto portugueses como estrangeiros, assumindo-se como o principal editor das novas ideias. O seu posicionamento assumidamente federalista, defensor para Portugal duma república cujo paradigma seria a organização federalista da Suíça, leva-o a editar o semanário o *Rebate*, onde expõe as suas ideias, que lhe vão provocar o afastamento do movimento republicano português, aparentemente, mais conservador. Através da sua editora, em 1873, divulga-se em Portugal, em fascículos, *O Capital*, de Karl Marx. Nas páginas das suas várias iniciativas editoriais são divulgados textos de Teófilo de Braga, Victor Hugo, Michelet, Leite de Vasconcelos, além outros eruditos nacionais com quem se relacionava. Segundo o seu principal biógrafo e amigo, com quem durante algum tempo se incompatibiliza, mas finalmente se reencontram,





J. Frederico Laranjo, Carrilho Videira era um “adversário tenaz dos reis, da igreja e do exército”. Para reforçar o seu pensamento cita nas suas edições excertos de Victor Hugo, de Castilho, de Corbon, de Marat, de Voltaire e até de Bakunine, entre outros pensadores. Num dos números do seu *Almanack*, na primeira página, transcreve uma carta que Victor Hugo lhe dirige saudando as suas iniciativas editoriais e o seu pensamento e estimulando-o a continuar a sua luta que conduziria à “libertação da humanidade”.

Em 1878, Carrilho Videira, publica, em forma de livro, uma “carta” dirigida ao Procurador-Geral da Coroa e Fazenda, Martens Ferrão, intitulado *Liberdade de Ciência e Juramento Catholico*. Será, porventura, a sua única publicação, sem coautoria, em forma de livro, e que resulta do processo que lhe é levantado, enquanto jurado num tribunal, por se ter recusado a jurar sobre a Bíblia. Neste pequeno livro relata, pormenorizadamente, todo o rocambolesco processo por, em nome da sua liberdade de consciência, se ter negado a jurar sobre algo em que ele não acreditava, a Bíblia. Mais do que o relato dos acontecimentos, que no final lhe vieram a dar razão, a maior importância deste opúsculo, de 23 páginas, são os “ensinamentos” que ele transmite ao Procurador-Geral sobre o que é o “Estado” e a “Religião”. A leitura deste pequeno livro, de singular erudição, que urge reeditar, é determinante para melhor compreendermos o pensamento de Carrilho Videira e através do qual se evidencia a sua coragem para afrontar os poderes instituídos. Neste processo é seu advogado, Manuel de Arriaga, que viria a ser o primeiro Presidente da República eleito em Portugal.

É vastíssimo o volume de artigos seus editados em variadíssimos periódicos nacionais e estrangeiros através dos quais, maioritariamente, tenta disseminar as suas ideias para construir um Portugal republicano federalista, muito ao jeito do Estado Suíço e algo próximo da constituição dos Estados Unidos.

Pela sua atividade enquanto editor e livreiro contacta com a famosa Livraria Rolland, estabelecida em Lisboa, vindo a casar, pelo civil, em 8 de março de 1880, com Cristina Rolland, filha do empresário de origem francesa. Sete anos depois do seu casamento, mantendo-se sempre fiel aos seus ideais de livre-pensador, republi- cano federalista, tendencialmente anarquista, os seus tradicionais amigos começam a afastar-se. Sente-se isolado e a sua livraria abre falência. A 21 de dezembro de 1887, comete uma primeira tentativa de suicídio, ao pretender lançar-se do 2º andar onde vivia. A sua mulher, auxiliada por outras pessoas conseguem, *in extremis*, segurá-lo evitando a sua queda. Começam a circular rumores por Lisboa que Carrilho Videira sofre de demência e os amigos ainda mais se afastam dele. A família da mulher con- segue o seu internamento numa clínica na zona do Campo Pequeno, propriedade do seu amigo Eduardo Maia, médico homeopata, tal a aprofunda depressão em que se encontra. Desalentado por falta de seguidores dos seus ideais revolucionários,

demasiado avançados para provinciana Lisboa, acusado de traição pelos seus correligionários, quase na total falência e estimulado pelos seus contactos com os movimentos republicanos do outro lado do Atlântico, emigra para o Brasil, em agosto de 1890. Parte só, porque a frágil saúde da sua esposa desaconselhava a ida para aquele continente onde grassava uma epidemia de Febre Amarela. No Brasil estabelece-se, igualmente como jornalista, editor e livreiro e comerciante de sapatos, inicialmente muito apoiado pelos republicanos do Rio de Janeiro. Um ano depois da sua ida para o Brasil a sua mulher vai viver com ele. Na verdade, não eram em vão os receios que Carrilho Videira tinha quanto à frágil saúde da sua mulher face à epidemia de febre amarela que grassava por terras do Brasil. Escassos cinco meses depois de sair de Lisboa Cristina Rolland não resiste à febre amarela, vindo a falecer, no Rio de Janeiro, em 16 de fevereiro de 1892. Os negócios como editor e livreiro no Brasil não rendiam, as divisas acumulavam-se, os seus ideais federalistas não encontravam eco no movimento republicano brasileiro e o profundo desgosto pela morte da sua esposa, a quem carinhosamente chamava de “mamã”, levam-no a outra tentativa de suicídio, em 1898, e a um novo e prolongado internamento num asilo psiquiátrico. No ano seguinte, a viver da caridade, nas ruas do Rio de Janeiro, recebe a notícia da morte do seu pai, que era, afinal, o seu pilar emocional. Só e sem dinheiro para regressar a Portugal, peregrina desalentado pelas ruas da grande cidade, até que, com o apoio da família da mulher, consegue embarcar para Lisboa, onde chega a 21 de julho de 1900. Em Lisboa os amigos que anteriormente o acompanhavam afastam-se do revolucionário Carrilho Videira.



Casa Branca da Asseiceira, em Santo António das Areias





Revólver com que José Carrilho Videira se tentou suicidar na sua casa na Asseiceira (Museu Municipal de Marvão)

refugia-se na solidão da sua propriedade rústica. Na sua casa da Asseiceira, em finais de 1903, tenta novamente cometer suicídio com um velho revólver, mas, mais uma vez, a morte não ocorre, porque não soube corretamente iniciar a já obsoleta arma do seu avô ao utilizar uma bala mais moderna. Um amigo e ainda familiar, José Luís Forte Ramilo, retira-lhe o revólver e para ocupar aquela mente inconstante leva-lhe caixas com livros e jornais que o vão entreter no refúgio onde se encerrou. Nesta solidão o seu estado mental e físico começa gradualmente a deteriorar-se. Como a sua saúde piorasse, um seu parente, Francisco Carvalho, acolheu-o na sua casa junto da Igreja de Santo António das Areias. Os seus fiéis amigos Frederico Laranjo, António Matos Magalhães, acompanhados pelo médico de Castelo de Vide, Joaquim Possidónio Coelho, sabendo do seu estado de saúde visitam-no em 14 de agosto de 1905, em casa do seu parente, em Santo António das Areias. Estranhamente, para um ateu militante como Carrilho Videira, a conversa que manteve com os seus amigos girou sempre à volta da Imagem de Nossa Senhora da Estrela a quem ele chamou de “madrinha”, porque, em boa verdade, no seu batismo o padrinho tocou-o com uma “prenda de Nossa Senhora da Estrela” como consta no respetivo assento. Queixou-se dos pulmões e pediu ao médico um medicamento para o deixar dormir “se não enlouqueço”. A 25 de Agosto de 1905, na casa do seu parente Francisco Carvalho, junto à Igreja de Santo António das Areias, o coração do visionário José Carrilho Videira deixou de bater.

Como ateu que era o seu funeral foi unicamente civil, conforme determinou em testamento. Os sinos da igreja não dobraram. Não quis caixão, o seu corpo enrolado num lençol foi depositado na terra e, por sua vontade, nem pedra sepulcral recebeu. Ao ato fúnebre juntaram-se os amigos e familiares e coube a Matos Magalhães, companheiro de infância e de lutas políticas proferir um eloquente discurso, como parlamentar que era. Segundo um dos seus biógrafos, Frederico Laranjo, Matos Magalhães para além de tecer outras considerações junto à cova de Carrilho Videira afirmou, entre sentidas lágrimas. “A tua vida mal se descreve n’um livro – tão tumultuosa e acidentada ella foi – mas resume-se n’uma frase – foste um visionário da justiça (...) Não quiseste fausto no teu enterro – apenas um lençol pediste para cobrir a nudez cadavérica (...) Não viste realizar aqui o teu ideal, mas morreste lutando por elle – foi como se o realizasses. Não recuaste nunca, foi a morte que se apressou. Descansa em paz.”

Carrilho Videira, que filhos não teve, distribuiu, em testamento, redigido 6 dias antes da sua morte, os seus poucos bens pelos seus sobrinhos, pelo seu cunhado de Lisboa e pelo primo, Francisco Carvalho que o acolheu nos últimos dias da sua vida

## Testamento publico do senhor José Carrilho Videira.

Eu, abaixo assinado, publico este testamento publico assim que me couber de conhecimento da morte do Senhor José Carrilho Videira, e como, aos dezoito dias do mes de agosto, neste sitio de Santo Estevão das Areias, freguesia de mesmo nome, concelho de Alcanhões, e concelho de residência do senhor Francisco José de Carvalho, orden, eijo, Carvalho, embe em Eduardo de, Purgificas, Carrapat, notario publico respectivo em, aqui presente mim e as cinco testemunhas idôneas minhas concedidas ao deante declarados e no fim assigeadas, estaro presente e senhor José Carrilho Videira, viuvo, freguesiano, de sessenta annos de idade, filho de José Carrilho Videira e de Francisca de Jesus Carrilho Videira, já fallecida, natural de Alcanhões, e neste me sitio de casa Branca, freguesia de Santo Estevão das Areias, actualmente neste sitio, cuja identidade em inteiro e testemunhas presentes e recordarem como sendo e proprio, e que do Videira declaro que prais fazer e seu testamento tanto em notario como as testemunhas presentes e me embe esta em seu perfeito prais e lras de todos e qualque coaccas, de seu tambem do mi-



minha fl. E logo os meus presentes e no do teste  
minhas pelo referido senhor José Casimiro Veloso  
foi dito que não tendo acidentalmente nem descendo  
e em testamento que puz se cumprir como disposto  
caó de era ullius vintade e seis foims seguinte?  
Que puz puz e seu funeral logo feito sem padras ou  
qualquer emblemas religioso, que o seu caaver eu eu,  
velho bñmente a mim lencel e logo condicião por  
quatro pobres a quem se deu as gratificacões de  
mais arrolada a de João Gavancho. Que deus a  
penção annual de cincoenta mil reis e empriante  
viva foi a Dona Jozequina Bollas Senas, casada  
em Antonio do Costa Senas, residente em Lisboa.  
Que deus a prante de duzentos e cincoenta mil reis  
por mais de me a cada um de seus sobrinhos dos  
claros Helena Senas Gomes, Francisco Senas filho  
de José Senas e José Felice mais velho de sus co-  
sinhos deus Costa. Que de rememorente de tres  
e seus bens moveis e immoveis, Tudos, crechos  
e ações substitue por mais e universal herdeira  
e seu emblema Francisco José de Carvalho, com a  
obrigacões de pagar as dividas d'elle testador e de  
deu um prazo de dois annos depois de fallecimen-  
to d'elle testador, a Joaquim Casimiro Veloso, seu  
uniao, por duas vezes, mas de cada vez, um foto

Coimbra, Typ. Auxiliar d'Escreptorio

13  
J. H. L.

foto emposito de dois paes de sapatos, dois paes  
de meias, duas camisas, duas calcas, um chapim,  
um faldote, duas calças e colete, gravata e suspensorio  
rio. Que nomeia para seu testamento a seu cunha  
do Francisco José de Carvalho. Que por este foims logo  
por condicio este seu testamento e por elle se puz eu,  
tudo qualpuz entre seu anteriormente tendo feito. Que  
se de puz a mim e deus os meus presentes e no do  
testamento a todos sem interposicões presentes, e  
deuores padu elbanel elbano Emanuel, para  
deu encomendera neste freguesia, Antonio de  
sumpcaos Coutinho, barbeiro, João Gonçalves de  
galla, commerciante, Eccacio Estipio Rominguera,  
soldado do prado-fiscal, e Justino Raposo, tambem  
soldado do prado-fiscal, todos moradores neste fu-  
guesia de Santo Antonio das clieias, estes casados  
e dimento quelle solteiro, de maior idade, ou a o  
diguam eou e testador depois de este testamento  
deu a todos lido em vos alto por mim notario, nos  
esquede ler e testador escrevi de eu notario e  
advertis de puz e podis fazer, dizer e fazer que  
prazo seguinte lido por mim notario. Que no  
fim collado e devidamente publicado em os  
tamplillo de imperto de elle me nabo de mil  
reis. Logo por se puz a lictura foi feita em vos









Casa onde faleceu José Carrilho Videira, em Santo António das Areias

passasse a denominar de Largo José Carrilho Videira, “em homenagem aos grandes serviços que aquele cidadão prestou à causa Republicana”.

Vinte anos após a sua morte realizou-se uma sessão solene de homenagem a José Carrilho Videira que teve lugar nos Paços do Concelho de Marvão, a 25 de agosto de 1925, presidida pelo Governado Civil de Portalegre, Emílio Carita Polido. Nessa cerimónia, para além de várias intervenções laudatórias foi descerrada uma fotografia do homenageado que deveria, “para todo sempre”, ficar exposta na Sala das Sessões. Foi esta fotografia paga por subscrição pública, cuja assinatura dos principais contribuintes consta na respetiva ata da sessão solene. Terminou a cerimónia com um minuto de silêncio em homenagem ao “ilustre publicista marvanense e grande precursor da Republica”. Após a sessão solene que decorreu nos Paços do Concelho a Câmara Municipal de Marvão mandou descerrar uma lápide evocativa de Carrilho Videira na casa onde nasceu, na Rua do Castelo, renomeando-se a mesma com o nome da ilustre figura que nela nasceu. A fotografia do homenageado em 1925 manteve-se exposta no antigo edifício da Câmara Municipal transitando, posteriormente,

para o salão nobre do novo edifício municipal mas foi descartada, haverá duas décadas, quando se renovou o espaço para se exporem as fotografias dos presidentes da câmara. Atualmente, a fotografia, já sem a moldura, guarda-se num gabinete da câmara nova, aguardando a sua incorporação no Arquivo Municipal. Uma reprodução recente desta fotografia expõe-se no edifício da Câmara Velha.



Lápide na casa onde nasceu José Carrilho Videira na atual Rua do Castelo, em Marvão

Também, em 1925, ainda se retomou a ideia de se erguer um monumento à memória de Carrilho Videira em Santo António das Areias, mas duas opiniões se confrontaram. Nenhuma merecia o papel precursor do movimento republicano que desempenhou Carrilho Videira, mas uma delas discordava da construção do monumento a um homem que nem pedra sepulcral quis sobre o seu túmulo e que, claramente, era



Foto de Reunião de Câmara, no Salão Nobre onde ainda permanecia a fotografia de José Carrilho Videira (finais da década de 80 do séc. XX)

contra a criação de ídolos. Ou por motivos económicos, ou porque prevaleceu a opinião da desmaterialização da memória, a verdade é que nenhum memorial foi erguido.



Em agosto de 1929, pouco antes do antigo cemitério de Santo António das Areias, junto à antiga Ermida de S. Marcos, ser totalmente desativado, foram os restos mortais de Carrilho Videira exumados e trasladados, cerimonialmente, para o jazigo da família no novo cemitério, onde se conservam.

Em 1945, quando outros ventos políticos pouco tolerantes sopravam, por decisão camarária, o nome de José Carrilho Videira foi apagado dos dois espaços públicos que na sua terra natal o nomeavam, voltando a rua a denominar-se do Castelo e o largo de Terreirinho. Assim, apenas em Santo António das Areias, em Lisboa e num



Pince-nez de José Carrilho Videira (Museu Municipal de Marvão)

jardim do Porto existem placas toponímicas lembrando um dos nomes maiores do ideário republicano português, José Carrilho Videira.

O Museu Municipal de Marvão, em 2023, no âmbito da sua programação anual de exposições temporárias inaugurou a 5 de outubro uma pequena exposição sobre a Implantação da República onde se evocou José Carrilho Videira.

# 5 DE OUTUBRO 2023

## COMEMORAÇÕES DA IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

**“O MARVANENSE JOSÉ CARRILHO VIDEIRA E A IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA”**

**10h30 - MUSEU MUNICIPAL DE MARVÃO**



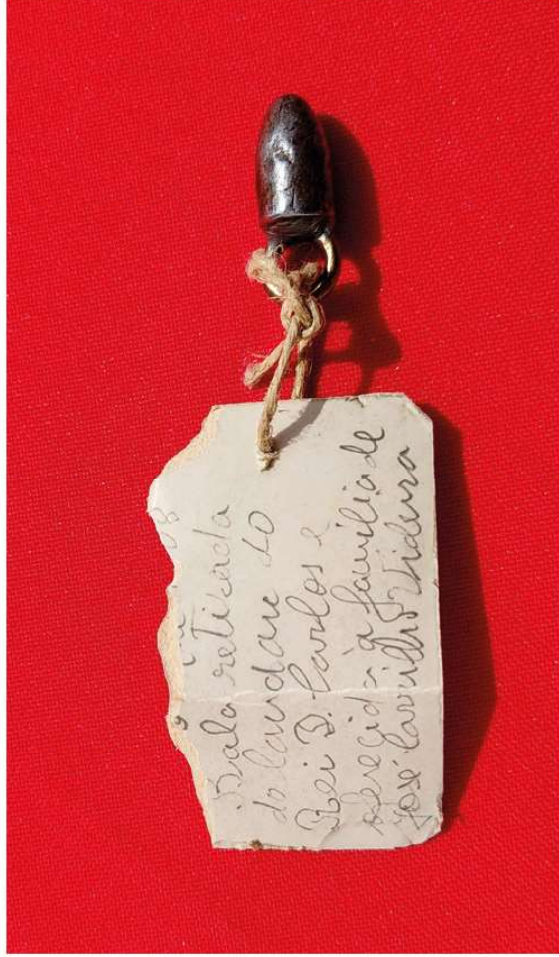
Cartaz da Exposição “O Marvanense José Carrilho Videira e a Implantação da República” inaugurada no Museu Municipal de Marvão, nas comemorações oficiais do 5 de outubro, em 2023

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

50 X2



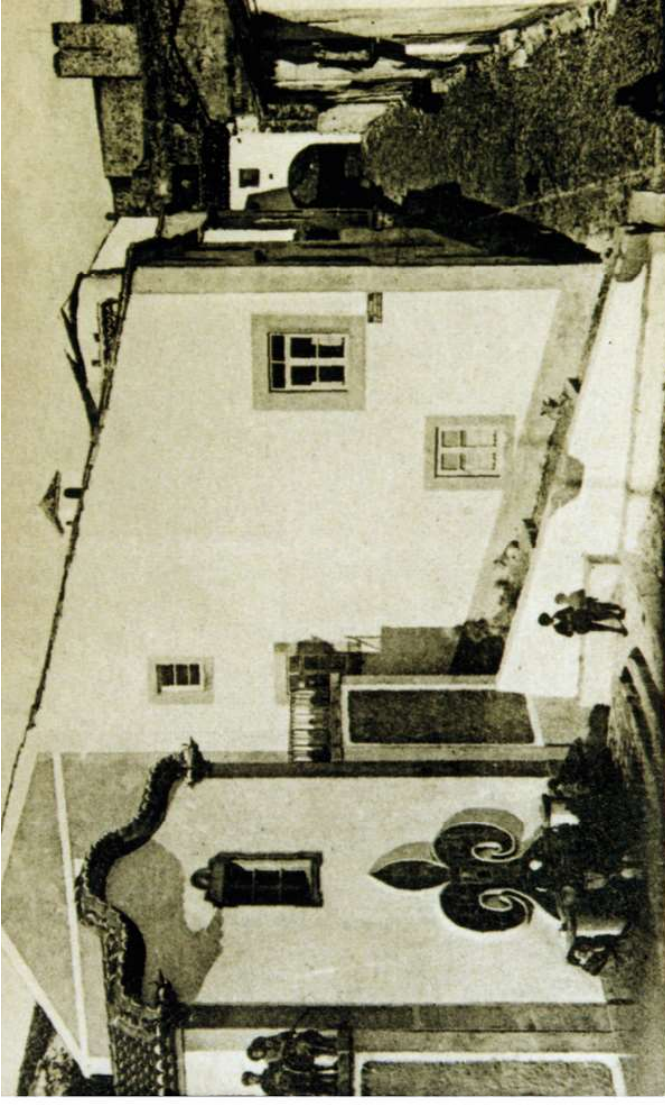
No ano seguinte, 2024, no âmbito da comemoração nacional dos 50 anos da Revolução de 25 de abril, organizou o Museu Municipal de Marvão uma exposição temporária intitulada “De José Carrilho Videira às 1.ªs eleições democráticas” onde, através de diversos objetos e documentos se recordou o processo histórico em Portugal desde os finais da Monarquia até 1976. Os alvares e a implantação da República, a Ditadura Nacional, o Estado Novo, Revolução de Abril e as primeiras eleições livres e universais de 1976, com destaque para a figura de Carrilho Videira foram nesta exposição relembrados. No dia da inauguração foram oferecidos por Pedro Sá ao Município de



Bala retirada do landau do regicídio e oferecida à família de José Carrilho Videira, em 1908 (Museu Municipal de Marvão)

Marvão diversas publicações da autoria ou edição de José Carrilho Videira. Também nessa cerimónia pudemos, igualmente, oferecer ao Museu Municipal de Marvão, os *pince-nez* que pertenceram a Carrilho Videira, o revólver que utilizou na sua última tentativa de suicídio e a bala já com argola para suspensão, disparada durante o regicídio de 1 de fevereiro de 1908, e que se encontrava cravada no landau régio e oferecida anonimamente à família do revolucionário Carrilho Videira, objetos que se conservaram na posse da nossa família.

Neste ano de 2025 em que se comemoram os 180 anos do nascimento e 120 da morte de José Carrilho Videira, foi montada uma vitrina própria, em espaço permanente, onde se recorda esta invulgar figura do movimento republicano, natural de Marvão. Ai se expõe uma breve nota biográfica e alguns recortes com exemplos do seu pensamento, assim como alguns objetos pessoais. Destaca-se nesta vitrina a



PORTUGAL - VILA DE MARVÃO  
Fonte da Vila no Largo dos Combatentes da Grande Guerra e Rua José Carrilho Videira

Postal ilustrado de Marvão onde ainda figurava a rua com o nome de José Carrilho Videira (década de 30 do Séc. XX)

bala acima referida, disparada no decurso do regicídio na Rua do Arsenal ocorrido, por estranha coincidência, na mesma rua onde Carrilho Videira abriu a sua Livraria Internacional. Também neste ano de 2025 pretende a Junta de Freguesia de Santo António das Areias homenagear esta singular figura da História de Portugal, com um memorial a instalar no edifício onde veio a falecer José Carrilho Videira, no dia 25 de agosto de 1905.

Importa recordar como é que um filho de um pequeno proprietário rural, do interior alentejano, na segunda metade do século XIX, se notabilizou daqui partindo jovem para estudar latim destinado a fazer-se padre, cursou duas formações superiores sem nenhum terminar, estabeleceu-se como editor e livreiro em Lisboa onde convive e congrega os mais notáveis intelectuais portugueses e se carteia com a nata cultural internacional. Foi este notável marvanense um indelével defensor das mais puras e basistas ideias republicanas, livre-pensador, ateu confesso, escritor, jornalista, racionalista, positivista, socialista, tendencialmente anarquista, pacifista por natureza, descrente da existência de exércitos, abolicionista da pena de morte, militantemente anticlerical, defensor da condição feminina, evolucionista, apoiante da medicina homeopática e vegetariano. De facto, o marvanense José Carrilho Videira foi um homem que nasceu cedo demais e por isso foi tão incompreendido e, ainda hoje, por alguns, intencionalmente muito esquecido.



Se Portugal é hoje uma República Democrática muito se deve à continuada divulgação do ideário republicano a que se dedicou, durante toda a vida, o marvanense José Carrilho Videira, completamente desprendido de qualquer interesse material, ou de poder.

J.O.

Transcrição, com ortografia atualizada, das peças jornalísticas da pena de José Frederico Laranjo, publicadas no jornal *O Distrito de Portalegre*, à data da morte de José Carrilho Videira.

I

### “JOSÉ CARRILHO VIDEIRA

Uma carta de Castelo de Vide traz-nos a triste notícia de que faleceu na noite do dia 25, em Santo António das Areias, termo de Marvão, em casa de seu sobrinho, o sr. Francisco Carvalho, o nosso amigo de juventude e companheiro de casa em Coimbra – José Carrilho Videira.

Mal pensávamos ao irmos visitá-lo, no dia 14 deste mês, que seria aquela a nossa última entrevista. Tanto o animou e alegrou a nossa visita, que não nos podia entrar no espírito a ideia de que o seu estado era grave. O médico, um amigo de nós ambos, o dr. Joaquim Possidónio Coelho, dizia nos que ele tinha diversos órgãos bastante afetados, mas podia talvez viver ainda alguns anos. Os anos volveram-se em dias e foi talvez o melhor para ele, para quem a estrada da vida foi quase sempre uma via d'amarguras.

Diz, não me recordo que escritor, que os estudantes d'um curso ou d'uma geração são como foguetes d'uma girandola que sobem a alturas diversas e caem em diversos sítios, a distância uns dos outros; dos que foram nossos companheiros e contemporâneos d'estudo em Castelo de Vide, em Portalegre, em Coimbra, este foi talvez de todos o mais infeliz; trazia dentro de si, pela exaltação hereditária da sua imaginação em política, a tragédia da sua vida e a precocidade da sua morte.

Exaltação hereditária, dissemos nós. Ele era neto d'um dos caudilhos mais acirrados do Miguelismo em Marvão e nas terras circunvizinhas, e que deu quando o seu partido foi vencido, uma prova de excepcional força de vontade, fingindo que emudecera, ficção que manteve durante muitos anos, até que falecendo-lhe a esposa, querendo-lhe por uma interdição, se opôs a ela, mostrando que ouvia e falava, e que a sua mudez fora um artificio tenaz de seu receio e de sua habilidade.

De ânimo mais brando, mais ilustrado, de fantasia mais larga, difundindo a sua atividade por uma área mais larga, difundindo a sua atividade por uma área mais larga,

COMEMORAÇÕES  
50 ANOS  
DO  
25 DE ABRIL 2024  
CONCELHO DE MARVÃO

COMEMORAÇÕES  
OFICIAIS

50 X2

50 ANOS  
25 DE  
DE  
ABRIL

DE MO  
MO  
CRA  
CIA  
50 ANOS

NOS 50 ANOS  
DE ABRIL

De José Carrilho Videira  
às primeiras eleições  
democráticas

25 DE ABRIL  
MUSEU MUNICIPAL DE MARVÃO





vivendo em tempos melhores, José Carrilho Videira diferenciou-se por tudo isto do notável avô; mas tinha no espírito os traços característicos dele – a exaltação polífrica, que o perdeu. Carrilho Videira nasceu no termo de Marvão, cremos que na sua quinta da Asseiceira, não sabemos em que ano, mas cerca de 1846, o ano da patuleia.

Feito o exame da instrução primária, veio estudar latim para Castelo de Vide, sendo hospedado da família Roxo, na rua do Ouro, vivendo na pequena casa fronteira juntamente com um tio velho da mesma família, muito mais instruído do que o ordinário na terra e que lhe falava com viveza de Chateaubriand, das suas obras e das suas contendas por causa da liberdade d'imprensa; encontrava o ás vezes na rua de Santo Amaro, indo eu para a Senhora da Victória, ele não me lembro para onde; outras vezes na pequena quinta do Regalo, onde a família Roxo e Carrilho Videira passavam o verão. Carrilho Videira já nesse tempo tinha o espírito inclinado para a política, mas os seus devaneios então eram nevoas das tradições do miguéllismo da sua família.

De Castelo de Vide fomos ambos para Portalegre, eu para o seminário, ele para uma casa particular defronte da fábrica grande, frequentávamos ambos o liceu; carrilho videira mais lia literatura do que estudava os livros das aulas, a sua imaginação acendia-se mais n'estas leituras, falava-me de Lamartine, do seu Raphael, de Regina, de Graziela, de Víctor Hugo e dos seus dramas, de Garrett, de Herculano e de Castilho, e, povoando assim o espirito, o coração apaixonava-se-lhe por uma linda mulher, julgada a mais bela de Portalegre, e a que por isso chamavam de *sorte grande*. No tempo das férias, no verão, vinha quase todas as noites, da sua quinta da Asseiceira, falar-lhe de baixo da janela, deu que fazer a paixoneta do rapaz quando a Julieta se casou. Neste tempo inclinava-se já para os jornais; já escrevia para eles.

De Portalegre foi para Coimbra, onde me precedeu; lá, ele e Cesar Videira falavam de mim com entusiasmo da amizade ao dr. Abílio da Fonseca Pinto, que os lecionava, e que era um generosíssimo coração e um exímio cultor das letras pátrias, e tal era o calor do afeto dos dois que todos os três, o dr. Abílio ainda sem me conhecer, me escreveram uma carta convidando-me a ir para Coimbra, encarregando-se eles de procurarem os meios de se fazerem as despesas. Vindo a Castelo de Vide por esse tempo, o pai do dr. Abílio renovou a instância. Agradei, mas não aceitei.

Quase todos os anos eu ia passar alguns dias das férias de páscoa ou de verão a casa do nosso comum amigo, o P.º João Manoel de Bastos, então prior de Santo António das Areias; lá nos reuníamos com Carrilho Videira à sombra dos álamos do átrio da igreja; são desse tempo os *Passios na nossa terra*, que no *Districto* se andam publicando em folhetim. Terminadas as férias, Carrilho voltava para Coimbra a continuar os preparatórios; o pai teimava em que ele se ordenasse, para herdar alguns bens

legados por um parente ao primeiro dos seus colaterais que entrasse no sacerdócio; ao ânimo do filho repugnava, porém, a vida eclesiástica, para mais, em Coimbra fora apresentado em casa do dr. Gama, o padraсто de D. Amelia Janny, a insigne poetisa; ele estava encantado. “Se tu soubesses, escrevia-me de lá, o que é passar os serões das vésperas de feriado ao pé d'uma mulher nova, elegante, instruída, cheia de talento, que faz e recita belos versos, e que com viveza e com alegria entra em qualquer conversação literária, e que é boal! Deixa isso vem para aqui.”

Por fim um ano azaram-se as coisas de modo que bulhei com um professor, reprovaram-me por isso, pela regra – com teu amo não jogues as peras, – e tive de ir para Coimbra; Carrilho Videira foi noutras circunstâncias um dos amigos mais dedicados, um dos que mais me incitou e me auxiliou a remover dificuldades.

No primeiro Ano repeti preparatórios, sendo companheiro de casa de Carrilho Videira no 2º andar d'uma casa no *beco das flores*; era ele que pagava a renda. Eu notei que ele lia literatura de mais e propus e combinamos que os livros de literatura se fêchassem à chave num baú, que só se abrisse nas vésperas de feriado; um dia estiveemos para nos lançarmos um ao outro, porque ele queria a chave do baú num dia de aula, e eu não a quis dar; como porém era eu que tinha razão, a cadeira dele, que fora a primeira que se erguera, foi a primeira que se baixou. “Eu concordo que tu tens razão; mas há de concordar também que é muito custoso estar a gente quase uma semana a alimentar-se com pão seco dos livros d'aula.”

Num ano Videira resolveu-se a dizer ao pai – que não se queria ordenar; o pai retirou-lhe a mesada; o filho teve que viver daí por diante à custa da sua legítima materna, que era pequena, e foi para o Porto, estudar preparatórios de medicina. Nesse primeiro ano meteu-se a escrever sobre uma questão que no Porto se levantara entre homeopatia e alopatia; era pelos homeopatas, porque dois eram seus amigos. Eu reclamava de Coimbra. “Pois estás no primeiro ano de preparatórios médicos, e já escreves sobre o que não sabes? Isso traz-te simpatias de poucos e arrasta te aversões de muitos; vê lá se estudas em vez de escreveres.”

No fim do ano letivo veio porem um episódio pior. Sua irmã Germana quisera fazer um casamento desigual e fora depositada por justiça em casa do pároco, amigo de nós ambos; Videira uniu-se então ao pai para guerrear o pároco, que nenhuma culpa tinha no facto; tomou-se para motivo e bandeira de guerra estar o pároco de posse de uma casa da junta da paróquia própria para escola.

O pároco veio a Castelo de Vide pedir me que desviasse Videira da guerra que lhe movia; n'esse sentido lhe escrevi; no domingo seguinte recebi uma resposta que dizia. “Á hora que recebes esta carta, estarei eu talvez lançando mão de meios extremos e perigosos. Admira-me que tu, tão entusiasta pela instrução, sejas n'este caso contra ela.”



- Que meios extremos e perigosos serão estes? Cismava eu, e pensava comigo – é algum artigo de jornal.

Na quarta-feira soube que tinha motinado o povo contra o padre; que não pudera por isso haver missa conventual; que o povo com ele á frente invadira a casa de que se tratava e a despejara do que lá havia. Enviando-lhe cartas que para ele tinham vindo, escrevi lhe então: “Mando te essas cartas que chegaram de Coimbra e mandar-te-ia juízo se fosse coisa que se mandasse pelo correio, etc.” Escrevi também ao pároco. O portador, um amigo de ambos, entregando as cartas de noite, no arraial da Senhora da Estrela, trocou-as; quebramos então as relações.

Nos anos imediatos foi para Lisboa, abandonando por fim o curso, e estabelecendo na rua do Arsenal uma livraria, que mais era uma arma de propaganda republicana e socialista do que um meio de vida. E livreiro, editor e escritor publicou então durante alguns anos o *Almanack republicano da Revista de Estudos Livres*, íntimo de Teófilo Braga editou algumas das suas obras; e no seu entusiasmo de republicano, com a sua facilidade de arranjar relações, correspondia-se com os vultos mais importantes d’esse partido na Espanha, na França e no Brasil. Deve ser curiosíssima e deve conservar-se, se se encontrar, essa serie de cartas de gente tão diversa e tão importante, que tanta figura fazia no mundo.

## II

A livraria, centro de convivência política, as edições arma de propaganda, davam força ao partido republicano, mas ocasionavam ao dono mais despesas e perdas do que lucros; uma coisa boa lhe ocasionou todavia a profissão de livreiro: relacionou-o com a excelente família Rolland, de origem francesa, que tinha no Chiado uma livraria cujo espólio ele foi encarregado de avaliar; nessa família, modesta e simples, instruída, educada e boa, achou uma esposa incomparável, de inextinguível dedicação, acreditando na superioridade do marido, na injustiça dos outros para com ele, resignada a todas as privações, meiga e maternal, esposa e mãe de crianças que ele foi sempre.

Aí por 1877 começaram as suas relações com essa boa gente, nesse ano, confrangidos com o episódio que nos separa, lembrados de que muito contribuíra para ele para irmos para Coimbra, escrevemos lhe convidando-o a ir assistir à nossa festa de doutoramento e ao jantar desse dia; não foi, mas respondeu com um telegrama de felicitações. Quando daí a dois anos, viemos para Lisboa, deputado por Portalegre, encontramos-nos na rua, mas nenhum de nós caminhou para o outro; restavam nevos do antigo desentendimento.

Carrilho Videira começa a publicar em 1875 o *Almanack republicano* que durou até 1887. Ele era republicano, não de toda e qualquer república, mas da república

democrática contractual de Proudhon e Py Margall, da república federalista, imitada da Suíça.

O *Almanack* de 1875, que abre com uma carta de Victor Hugo, que o alentava dizendo-lhe: continue a combater pela grande causa: *a libertação da humanidade*. – Fazer de toda a Europa um só povo, e de todas as almas uma só luz, tal é o nosso fim. Trabalhe-mos para isso – tinha em seguida um pequeno estudo sobre a federação, que reproduzia as ideias de Proudhon, que pouca diferença acha entre a monarquia e a república unitária, e rematava com um *projeto de constituição municipal*, que devia ser discutido, votado e submetido à sanção do povo e promulgado em todos os municípios federais de Portugal, ao implementar-se entre nós a república. O resto do livrinho eram artigos contra os exercícios permanentes e contra a guerra que eles produzem e a discussão do sistema constitucional.

No *Almanack* do 2º ano encontramos estas grandes palavras de Raspail. “Eu qui sera que se chegasse ao acordo de que o homem que seduz uma mulher, ficasse mais desonrado do que ela, porque, afinal, ele mentia e ela não; e a mentira é um crime. Nós estamos por fim ainda no estado selvagem, nós que honramos o mentiroso e desprezamos o ser fraco que foi enganado!”

No volume 4. Carrilho Videira fala do partido republicano em Portugal, censura o *centro eleitoral republicano democrático*, empolgado por funcionários do estado, tráfugas dos velhos partidos, d’onde trouxeram todas as manchas e astúcias incompatíveis com os princípios republicanos, e que ainda assim se dividiam em dois grupos, apoiando os srs. Bernardino Pinheiro, Alves Branco, Oliveira Marreca e Gilberto Rolla e o governo Avila, e o Sr. Elias Garcia, com os seus amigos, o partido regenerador. Ele continua a ser federalista e escrevia. “Nenhum país como Portugal está nos casos de constituir uma federação. Temos um vasto litoral, magnificas colónias e um solo fertilissimo. “Podíamos facilmente constituir no continente quatro estados: o do Norte, tendo por capital o Porto; o do centro Coimbra; o do Sul Lisboa e o do Algarve Faro. Cada estado dividir-se-ia em cantões ou distritos e estes em municípios ou comunas, como tivemos no principio da monarquia. Estas agrupações deviam ser feitas só a contento do povo, pelo sufrágio e não a capricho dos ministros”.

Julgamos errôneas estas ideias; a evolução histórica não é no sentido de dividir uma não em diversos estados, mas de fazer coincidir os limites do estado e da nação; descentralizar sem quebrar a unidade do Estado é conveniente, mas quebrar essa unidade é ir contra a corrente da história e prejudicial.

Mas este ideal, que levado às últimas consequências vai dar anarquismo, tem no fundo uma aparência de generosidade, e uma aparência de realidade nos exemplos da Suíça e dos Estados Unidos; carrilho Videira ficou-lhe sempre fiel,



e por ele se indispôs com outros grupos republicanos.

Ao resto dos ideais afirmados continua igualmente fiel; ele é um adversário tenaz dos reis, da igreja e do exército e publica máximas e poesias nesse sentido.

De Victor Hugo. – O padre mente e o soldado mata.

De Castilho – Quem expulsou os frades do claustro para a fome, porque não convidaria os soldados do quartel para a lavoura?

É um propagandista da associação e do casamento, não pela riqueza, mas pelo afeto.

De Corbon: - A classe operária emancipar-se-á definitivamente pela associação.

De Michelet: - O que deve ser a noiva, rica ou pobre? Ela será dócil, crente, iniciável; e sobretudo jovem de coração; o resto e secundário.

Uma bela e formosa viúva, muito amável e de magnânimo coração, dizia um dia a alguém: “Sr. Tenho cinquenta mil libras de renda, hábitos pacíficos, não mundanos. Amo-vos e farei o que vós quiserdes.

Vós sois meu amigo, conheceis-me acaso algum defeito?

- Um só, sr<sup>a</sup>., sois rica.”

O Amanack de 1879 continua a mesma propaganda.

Teófilo Braga escreve aí que a ideia das grandes nacionalidades é abandonada como um produto despotismo; a França dos sacrifícios e dos desastres fez a república para si; a França do pensamento artístico e científico propaga-a a todos os povos da civilização latina. Ligam-se os imperadores em segretos comboios; a Rússia desce para o ocidente e tende a assenhorear-se do Mediterrâneo, a Inglaterra passa ao segundo plano, mas a liberdade moderna fecha-se no seu quadrado composto pela federação duma grande República ocidental composta da França, Itália, Espanha e Portugal.

O sonho está, como se vê, muito longe da realidade.

Publica-se n'este almanack o discurso de Victor Hugo, no centenário de Voltaire, discurso vibrante pelas frases incisivas que fixam os pensamentos e de que destacamos alguns:

“Voltaire fez a guerra radiante, a guerra dum contra todos, isto é, a grande guerra. A guerra do pensamento contra a matéria, a guerra da razão contra o prejuizo, a guerra do justo contra o injusto, a guerra do oprimido contra o opressor, a guerra da

bondade, a guerra da doçura. Teve a ternura de uma mulher e a cólera de um herói. Foi um grande espírito e um imenso coração.

“Qualquer que veja a sua justa cólera, o Voltaire irritado cede sempre ao Voltaire acalmado. Então desponha o de tolerância sorriso neste olho profundo.

Este sorriso é o tino. Este sorriso vai às vezes até ao riso, mas a tristeza filosófica tempera-o. Do lado dos fortes é sarcástico, do lado dos fracos é acariador.

Inquieta o opressor e tranquiliza o oprimido. Contra os grandes a zombaria; para os pequenos a piedade.

Ah! Comovamo-nos com este sorriso. Ele teve as claridades da aurora. Iluminou o verdadeiro, o justo, o bom, e o que há de honesto no útil; fez a luz no interior das superstições; fez bem ver estas fealdades; ele mostrou-as. Sendo luminoso, foi fecundo.

“A obra evangélica tem por complemento a obra filosófica; o espírito de mansidão começa o que o espírito de tolerância continua; digamo-lo com um profundo sentimento de respeito: Jesus chorou; Voltaire sorriu; é d'estas lagrima divina e deste sorriso humano que é feita a doçura da civilização actual.”

No ano seguinte, 1880, a 5 de março, Carrilho Videira casou com a sr<sup>a</sup>. D. Christina Roland, tendo o casamento apenas a forma civil. A família da noiva notoriamente conservadora, contrariou este consorcio por todos os motivos e sobretudo pela falta da solenidade religiosa, a que Carrilho Videira se não quis sujeitar; mas o modo como ele sempre tratou a esposa, as caras qualidades de coração que depois lhe reconheceram, como me escreve uma das suas cunhadas, converteram ao fim de 8 anos essa hostilidade em profunda amizade e dedicação.

Com efeito, absorvido pelo seu ideal, carrilho Videira era na família um modelo; tinha pela sua mulher uma idolatria que ela merecia; tratava a ordinariamente e nas cartas por mamã; ele era na realidade o seu filho.

### III

Desse ano do casamento, casamento feliz como poucos, dois numa só alma, a dele subordinada a um ideal remotíssimo e a dela à do marido, até ao ano critico de 1887, Carrilho Videira continuou a sua propaganda republicana e socialista por meio do *Almanack* já citado, pela Revista dos Estudos Livres, pela edição de diversas obras de escritores nacionais e estrangeiros, obras algumas das quais ele próprio traduzia, como a *Da Educação* por Herbert Spencer, e também por meio do *Rebate* e d'outros jornais, e por meio de discussões e conferências. N'este período, o escritor está muito mudado do que nós o conhecêramos; é correcto, escreve bem, fala bem. O *Almanack* é um repositório curioso e interessante do que há de mais generoso e de mais exaltado; chega a ser



um partidário do anarquista russo Bakounine, somente não encontramos aprovados os meios violentos a que ele aplaudia.

Qualquer que seja a seita que em Portugal se adote, reveste sempre a moderação bondosa do caracter português, a calma pacífica resultante do governo liberal e d'uma situação económica sem extremas opulências e sem extensas, intensas e profundas misérias. Com o seu bom céu, o seu bom sol, a sua parca população, o português não faz ideia do que a luta pela vida nos grandes países dos climas frios, da grande industria e dos grandes exércitos; as classes liberais de cá também mal fazem ideia do que é a luta pela vida das classes análogas lá fora; a miséria e a gloria sentem-se frequentemente ao lado do mesmo homem; Wronké, um dos maiores espiritos do século passado, vagueava quase descalço, Augusto Comte, outro dos chefes do pensamento moderno, vivendo de subscrições de compatriotas e d'estrangeiros; Balzac, trabalhando 18 horas por dia, não tendo ás vezes dinheiro para o porte duma carta à namorada, são exemplos típicos, que nos devem tornar resignados á modicidade das nossas situações económicas. Lá o frio do clima e o aperto da luta torna as almas frias e egoístas; aqui o sol quente, a modicidade das necessidades, dão tranquillidade aos espiritos e fazem doces as almas. Abençoado Portugal!

O Almanack de 1880 insere o regulamento do registo civil, de 28 de novembro de 1878; Carrilho Videira quer a sociedade leiga.

A guerra continua a ser combatida em prosa e em verso.

No discurso à beira do túmulo d' Ayres Maia, em 27 de julho de 1876, e que vem incerto neste Almanack de 1880, Carrilho Videira revela-se orador fluente e eloquente, da eloquência da sinceridade; o médico que quem teve o elogio era o medico modelo. O que não faz da sua ciência apenas um meio d'enriquecer, sollicito com todos, ricos e pobres, mais, se é possível, com estes, a cuja doença acrece a miséria. Uma das pragas deste seculo de individualismo inferne é o médico que põe um alto preço á sua pericia; quem não é rico morra; quem é remediado espolie-se! Uma das reformas dos séculos futuros será tornar a medicina um sacerdocio com a sua côngrua, infamando os que a considerarem por outra forma.

D'Ayres maia dizia Carrilho Videira: "Ás vezes era chamado para visitar um enfermo pobre. Era esta a maior tortura na sua clínica. Na sua mente agitava se lhe então transcendental problema social, que preocupa os mais generosos espiritos dos nossos dias. O problema da miséria apresentava-se-lhe nu e descarnado, pensava muitos dias, ficava tristonho e frenético por ver que morre de penúria tanta gente, quando tantos, todas as abundâncias superabundam. Era esta a preocupação mais constante d'Ayres Maia, talvez aquela que lhe abriu o tumulo mais cedo do que presumíamos, quando estava em circunstâncias de prestar á sociedade pós maiores serviços sem dúvida.

"É provável que amanhã, nós e estes homens sejamos alcunhados de incrédulos, d'ímpios.

A humanidade, mergulhada em profunda ignorância, foi sempre pronta a desprezar e sacrificar os apóstolos dos maiores princípios. A história prova nos que em grande número de erros, um homem só tem razão contra todo o mundo, A esses, porém que nos alcunham de incrédulos, desde já lhe respondemos que mentem.

"Nós cremos na regeneração da humanidade, na existência da família, cremos no progresso, cremos no homem, que fez e continuará a praticar os mais assombrosos prodígios."

Todavia este crente na humanidade aproveitava este belo e verdadeiro pensamento de Séneca. "A religião é o hospital das almas que o mundo feriu."

Neste ano de 1880 celebrou se, a 10 de junho, o tricentenário de Camões; Victor Hugo escreveu por esta ocasião a Carrilho Videira a seguinte carta: "Portugal – J. Carrilho Videira – Livraria Internacional, rua do Arsenal, 96 Lisboa.

Paris, 2 de junho de 1880.

*Camões é o poeta de Portugal. Camões é a mais alta expressão deste povo extraordinário. Que, mal aparece no globo, conseguiu fazer se mencionar na história; soube dominar a terra como a Espanha e o mar como a Inglaterra, não recitou ante nenhum acontecimento, nem se curvou ante algum obstáculo, e saído do pouco soube conquistar tudo.*

Nós saudamos camões.

Victor Hugo."

Com o maior orgulho o prazer, damos o lugar de honra á seguinte carta do grande poeta revolucionário, dirigida ha tempo ao odtor do presente Almanach:

Paris, 7 de novembro de 1873.

Sr. Carrilho Videira, meu caro o bravo correlligionario:

Recebi a vossa carta cordial e apresso-me a responder-vos. Todo o que li no vosso util e corajoso jornal, me faz nascer uma viva sympathia pela vossa firmeza e pelo vosso talento. Amo o vosso nobre paiz beu como todos aquelles que, como vós, o servem e o honram. Continuac a combater pela grande causa: a *libertação da humanidade*.

Fazer de toda a Europa um só povo, o de todas as almas uma só luz, tal é o nosso fim. Trabalhemos para isso.

Aperta-vos a mão.

Victor Hugo



Os Almanachs dos anos seguintes continuavam esta propaganda, tão interessante, tão curiosa, e tantas vezes tão generosa; alguns prefácios d'esses livrinhos tão estimáveis, apesar de alguns despropósitos, davam conta do movimento republicano em Portugal e combatiam alguns dos seus homens mais em evidência.

É assim que o prefácio do Almanach para 1882 é contrário a Elias Garcia.

O prefácio do Almanach, para 1883 é ainda mais agressivo, Carrilho Videira declara que tinha contra si “a hostilidade manifesta e natural de todos os partidos monárquicos e o odio dos grupos republicanos unitários, possibilistas e federais indisciplinados.” De maneira que os monárquicos são lhe hostis; mas diversos grupos republicanos têm lhe odio.

Seguindo a ordem das suas ideias, elle escreve. “A república, como palavra, não basta, visto que uma ditadura, sob este regimen seria mais funesta que a presente dissolução monárquica.”

Estava farto de candidatos democratas aliados aos partidos monárquicos; queria candidaturas francamente republicanas com mandato imperativo. “Quando em 1878 iniciámos as candidaturas francamente republicanas, com a do dr. Teófilo Braga pelo círculo 94 não tínhamos em vista vencer, mas tão só inaugurar o mandato imperativo, e fazer renascer a vida politica, adestrar elementos.”

Dos homens que dirigiam o partido republicano escrevia que se não estavam, pareciam estar firmemente dispostos a desautorizá-lo.

Do seu *dirretório*, a que tinha pertencido e de que saíra, escrevia: “desgraçadamente o dr. Teófilo Braga persistiu em ficar neste Diretório, que não dirige; não sabe o que quer, não aparece, divide-se, decompõe-se, e em família acaba por se esfacelar a si próprio, sem senso comum, sem brios e sem dignidade para os seus membros e com manifesto prejuizo para a causa.”

“Basta-nos citar a attitude do partido republicano no contracto do sindicato de Salamanca para se comprovar que os chefes do partido republicano se não entendem e, pior que tudo, não sabem o que fazem.”

Seguia se a demonstração: “Ao mesmo tempo que os jornais republicanos de Lisboa escrevem contra a salamancada, o sr. Rodrigues de Freitas, no *Commercio do Porto*, justificava-a. Em Lisboa os chefes apareciam e desapareciam dos meetings em uma verdadeira e triste força, que vinha cercar a incoerência com que, meses antes, haviam aderido á celebração do centenário do maior tirano que teve Portugal; o consoldador da monarquia, o despótico e beato Marquês de Pombal.”

Deste estado de coisas concluía, como ideal: “Organizar pois o partido por grupos homogêneos de possibilistas, unitários, federais indisciplinados, federais conscientes e socialistas, todos os elementos revolucionários antimonárquicos, convocar todos n'um congresso, onde se assente num programa de principios comuns e gerais, harmonizar todos os elementos, em vez d'isolar e difamar os que mais fazem, tal é o trabalho urgente que cumpre efetuar, para que bandos monárquicos, chegada a hora da crise, não cavalguem sobre os republicanos, assaltem o poder, explorem e difamem os principios, como já vimos em França e Espanha, e pior ainda no Brasil e na Itália.”

Esse mesmo *Almanach* continua noutras partes o ataque a republicanos; no fim publica o *programa do partido operário socialista*, votado na conferencia de Lisboa (1881).

O *Almanach* para 1885 publica um relatório da *Associação dos livres-pensadores*, lido numa sessão de 1882; o programa político do partido republicano socialista italiano, do mesmo tempo; o projeto de pacto ou constituição da federação espanhola, apresentado no congresso republicano de Saragoça em 1883, a constituição federação da Suíça de 29 de maio de 1874, e faz a história do congresso republicano de Lisboa em 1883, do qual diz que não teve o *minimo caracter de legalidade e seriedade*.

Adornam este livrinho os retratos de Michelet, de Garibaldi, de Darwin, de Edgar Quinet, de Cláudio Bernard, com pequenas biografias por Carrilho Videira; Michelet era para ele uma das suas adorações; uma das suas amizades; dele me escrevia que fora o seu pai intelectual, e com a sua viúva continuou a corresponder-se.

O casamento e a família continuam a ser preconizados. De Deuprez: O homem que não casa é um banqueiro falido fraudulentamente. – A guerra continua a ser execrada.

Nos anos de 1886 e 1887, Carrilho Videira escreve no *Almanach* pequenas biografias de Teófilo Braga, de Rodrigues de Freitas, de José Jacinto Nunes, de Manoel Alves da Veiga, acompanhadas de retratos. E de José Elias Garcia é das mais calorosas no elogio.

De Elias Garcia escreve: “O sr. Elias Garcia é de todos os chefes republicanos o que menos simpatias desfruta no seu partido. Entretanto nenhum tem colocado mais correligionários em cargos oficiais e nenhum como ele tem mais largo tirocínio jornalístico e político.

“Em todo o país se tornou conhecido e dito do Fontes de que era *necessário inventar o Sr. Elias Garcia, se acaso ele não existisse*, e esta frase do vice-rei de Portugal corre,



como um proverbio, que os factos justificam, e d'aqui a pouco ou nenhuma confiança que este homem inspira aos republicanos das províncias.”

Devemos dizer que d'estes dois, Fontes e Elias Garcia, o logrado era Fontes; a troca de pequenas condescendências, Elias Garcia obtinha do governo regenerador concessões valiosíssimas para a expansão do seu partido; colocado na vereação de lisboa, no pelouro da instrução Elias Garcia inçou a capital de professores primários republicanos; a expansão republicana é principalmente obra dele. O dito de Fontes é de quem, absorvido nos expedientes duma política dia a dia, não vê um palmo adiante dos olhos no futuro; os sucessores viram-se obrigados a arrancar violentamente a camara das mãos dos republicanos e dos eleitores; mas era tarde; alarga sementeira de republicanos estava feita.

Carrilho Videira é agora menos hostil a Elias Garcia; escreve dele: “A sua posição social é a d'um intermediário que se coloca entre o passado e o futuro, afim de conciliar os interesses constituídos que dizem respeito ao seu próprio bem estar, e as legítimas reivindicações sociais, que exigem a remodelação da sociedade em mais justas equitativas bases.”

O partido republicano fez a Elias Garcia um funeral imponente, triunfal; ele merecia o; se Carrilho Videira era o republicano mais intransigente, Elias Garcia era o mais hábil.

O partido republicano estava, todavia, por estes tempos em absoluta crise e o ano de 1887 foi decisivo para Carrilho Videira.

Em janeiro deste ano foi escolhido por um grupo de republicanos portugueses para ir a Paris tratar de organizar um sindicato para concorrer às obras do porto de Lisboa, sindicato a que os republicanos ligavam alta importância; parece que queriam por meio de operários franceses dessa empresa provocar qualquer movimento a favor do estabelecimento da república; dizemos parece, porque nunca tivemos notícias precisas a este respeito. É certo que Carrilho Videira conferenciou sobre o assunto com os políticos franceses mais influentes daquele tempo – Laknoy, Floquet, Vilorn, Boulanger, Laferrière, Clavery, d'Ileredia, etc. Cremos, pelo que ouvimos a Carrilho Videira, que os políticos franceses declinaram toda e qualquer intervenção nos negócios de Portugal, e é necessário dizer que a empresa era quimera e anti-patriótica.

Se o ano começou assim, terminou pior; Carrilho Videira acusava uma parte dos seus correligionários de ambíguos, d'incertos; eles acusaram-no de espião do governo, pago por ele e expulsaram-no do centro; teve por isso um conflito pessoal na rua,

não nos recordamos com quem; sobreveio-lhe em seguida um ataque de loucura o uma tentativa de suicídio.

A acusação d'espião não acreditei nunca; por mais que a gritaram; acreditaríamos com facilidade a de qualquer exaltação por maior que fosse, a de vendido não; e o assim infamado era o resignado sofredor de bastas privações, amparado na sua penúria por alguns raros amigos.

Ferido no amago da sua vida e dos seus brios, a 21 de dezembro de 1887 carrilho Videira dependurou-se da janela de sua casa, um segundo andar da calçada de s. João Nepomuceno, para se despenhar na rua, a esposa, aquela mulher, pequena, mas grossa, d'ampla testa, de vivo e luminoso olhar, de feições acentuadas, de dedicação inextinguível, pôde agarrar-lo pelo fato, e tais gritos de aflição soltou, pedindo socorro, tal e tão surpreendente força nervosa desenvolveu, que a gente que passava na rua teve tempo de lhe acudir, pasmando de que, mais pesado ele que ela, a não tivesse arrastado, e não tivessem ambos vindo esmigalhar se na calçada.

Carrilho Videira esteve em seguida oito dias na casa de saúde do dr. Maia e em seguida quinze na d'Entre muros do dr. Serrano.

D. Christina Rolland Carrilho Videira ficou celebre em Lisboa pela sua dedicação, muitas vezes vimos gente parada na rua a contemplá-la e a apontá-la: Olha; é aquela...

A sua beleza moral impunha-se e saudava-se com respeito; era a Senhora do pé da cruz daquele homem tão generoso nos seus ideais e tão quimérico na sua atividade.

#### IV

O resto da vida deste ativo sonhador é o acordar dos sonhos na realidade horrenda. Pouco tempo depois antes d'estes últimos factos, perguntava-nos em carta se o podíamos receber para uma conferencia; respondemos que sim. Teófilo Braga, dava-lhe de graça para a editar, uma das suas melhores obras *O Curso de Historia da Litteratura Portuguesa* adaptada ás aulas de instrução secundaria e superior; pedia-nos auxilio para a publicação; demos-lhe o auxilio que pudemos; reataram-se então cordialmente as nossas relações, a sua mulher tornou-se amiga intima da minha; mas, dada a situação em que se collocara, não podíamos tirá-lo da espiral de inferno em que se metera e em que ia descendo cada vez mais apitado.

As edições, embora muitas vezes de bons livros, não davam lucros, mas perdas; veio pois a falência e a concordata e a quase impossibilidade de continuar aquela



profissão de livreiro propagandista de ideais distantes; a penúria assentava-se-lhe no lar; aquele pó de ouro de glória das cartas do retumbante Victor Hugo, de Michelet e de tantos outros eram uma aureola inane; todavia naquela casa, em que quase não havia pão não havia ralhos; ele era inesgotável de crença nele, de doce resignação, de delicados afetos.

A revolução brasileira que em novembro de 1889 depôs o imperador, aquele bom imperador que só tinha o defeito de ler de mais e de ver e de ouvir de menos, magnânimo dormiente, expatriado no fim da vida, pareceu abrir a Carrilho Videira um período de melhor sorte; todos aqueles positivistas que fizeram a república eram seus amigos com ele se correspondiam; parecia que o chamavam e para lá foi em agosto de 1890, sendo muito estimado e apreciado pelo presidente Floriano, por muitos dos seus ministros e por muitos políticos então em evidência, entrando no jornalismo e na indústria, sendo, se bem nos recordamos, socio gerente d'uma empresa de sapataria, entusiasmado com o seus novos amigos e com a sua nova pátria, da qual nos escrevia "Aqui tudo começa, aí tudo acaba".

A esposa ficara em Portugal, mas inquieta, ansiosa, por se lhe ir reunir. Como passaria lá, dizia ela, o seu filho?

Ele dissuadia-a porem da partida enquanto lá houvesse febre amarela; ela teimava na insistência; ele respondeu por fim que não queria que lhe parecesse a ela que era falta de saudade o que era penas justa solicitude; fosse, pois, se queria. No governo civil recusavam-se a dar-lhe passaporte sem licença do marido; as cartas de licença que ela mostrava não eram do seu marido, mas do seu filho; lá tinham no alto: minha boa e querida Mamã. Fomos ao governo civil testemunhar que as cartas eram do marido; e a boa D. Christina lá partiu para aquele refúgio. Às vezes tão ilusório, de portugueses pouco felizes, a 8 de setembro de 1891, no meio de lagrimas dela, das irmãs e das pessoas da amizade que a acompanhavam ao vapor, entre elas eu e minha mulher.

Foi, para não regressar, ela não se entusiasmou como o marido; de lá escrevia que não gostava de nada daquilo, e a 16 de fevereiro de 1892 faleceu de febre amarela, as suas últimas palavras foram dizer ao marido no começo da doença: não te assustes, isto não é nada, é uma cousa que me costuma dar.

Escondera-se no túmulo o único sol, a única felicidade daquele homem, que envolvido na política da república brasileira, andou nas voltas que ela deu, até que, na primavera de 1898, pela segunda vez enlouqueceu. Do asilo em que o internaram escreveu-me algumas vezes que o roubavam e o perseguiam; o roubo parece que era

real; o que adquirira sumira-se-lhe; mas as cartas ou as correspondências impressas em jornais traziam sinais inequívocos dum certo desarranjo mental; e esta convicção e o facto de se ter naturalizado cidadão brasileiro, tiravam-nos os meios de lhe acudir, recorrendo á intervenção do ministro português, que era um antigo discípulo e amigo nosso.

Os amigos de Portugal cruzaram, pois, os braços diante da fatalidade, em meio dele e da qual se metia a extensão do oceano; e, saído do asilo, com razão ainda mal segura, o desgraçado vagueou, parece que mendigou, desceu os últimos círculos deste inferno do mundo, tão dolorosos como os perdões do inferno do poeta florentino.

No ano seguinte morreu em Portugal, na sua casa e quinta da Casa Branca, o velho e rude pai de Carrilho Videira, pedimos ao juízo e delegado de Castelo de Vide que zelassem na partilha dos parcos haveres a legitima do infeliz expatriado; e assim o fizeram, dando-o como ausente em parte incerta e cabendo-lhe o solar da família, a casa e quinta de infância, que lhe ia servir de abrigo nos últimos dias.

Um cunhado, o Sr. Feio Terenas, marido da sr.<sup>a</sup> D. Josephina Rolland, abonou o dinheiro para a passagem, e Carrilho Videira regressou a Portugal, chegando a Lisboa a 21 de julho de 1900. Esteve quinze dias em casa da cunhada, na rua Eduardo Coelho n.º 90 outros quinze na Venda Seca, em casa de D. Josephina, e a 20 d'agosto seguiu com o seu cunhado e amigo para Castelo de Vide, demorando-se uma manhã em nossa casa, e indo dali para o termo de Marvão para a residência que se lhe tinha reservado.

Vinha moído da vida, mais anguloso de feições, mais parecido por isso com o pai, mais doce porem de caracter, com a razão um pouco mas quase imperceptivelmente aluida; na sua casa a quinta passou a viver só auxiliado no trabalho por jornaleiros assalariados, amando as arvores, a fonte, os animais domésticos, convivendo alguns dias com as irmãs, cunhados sobrinhas, tendo apenas, como janelas abertas para o mundo, a correspondência com as cunhadas de Lisboa, o *Districto de Portalegre*, que se lhe mandava, e um jornal de larda informação, de que era assinante. Das poucas vezes que ia à cabeça de comarca, Castelo de Vide, agradava-lhe ver os conhecidos de infância e de juventude; e foi assim que procurou e largamente conversou com uma senhora D. Maria das Dores Carvalho, a quem fizera a corte, corte que se quebrou sem perda de estima de parte a parte, porque ela reconhecia no namorado o visionário exaltado e tivera medo; era assim também que se interessava por um asilo de infância desvalida de Castelo de Vide, para cuja fundação indiretamente concorreu, e ás vezes da sua quinta mandava fruta ás asiladas.



Esta pacífica sombra metia, porém ainda medo; um dia o administrador dum dos concelhos do distrito, mostrou-nos um ofício em que a policia geral do país pedia informações minuciosas de Carrilho Videira; respondeu-lhe que vivia no campo: só, com poucos meios, completamente inofensivo e doente; que não eram necessários cuidados da parte da policia, e que o deixassem em paz.

Este verão soubemos que estava doente; fomos vê-lo em companhia do nosso comum amigo dr. António de Mattos Magalhães e seguidos do medico de Castelo de Vide, outro amigo dr. Joaquim Possidónio Coelho. Já não estava não estava na sua quinta; tinham-no trazido para Santo António das Areias, para casa do seu cunhado o sr. Francisco de carvalho, para perto daquela igreja e daqueles álamos a cuja sombra, nas ferias, tantas vezes lêramos tanta prosa de romancistas, tantos versos de poetas, que tanto douram o mundo.

A família disse-nos que passava mal o dia; mas, abraçando-o ao entrarmos no quarto, não nos pareceu perigosa a sua doença; tão animado e tão alegre o viramos!

- Parece-me que está quase bom, dizia-lhe au; acho o fresco, sem febres.

“Não; respondeu ele; não estou bom; a febre é nas mucosas; estou muito arruinado d’organismo. Sua senhora como vai?

- Um pouco adoentada, sofre ordinariamente.

- Olhe, diga-lhe que não morra, que eu deixo-lhe e a si a minha Nossa Senhora da Estrela.

- Homem! Para isso não vá morrer; viva com a sua Nossa Senhora da Estrela, e, quando daqui se levantar, e eu regressar das camaras, vá convalescer para Castelo de Vide para nossa casa.

- “Muito obrigado, mas a Nossa Senhora da Estrela, se aqui a tivesse já lh’a dava e levava; é uma obra d’arte; era a minha madrinha.

- Eu conheço-a de pequena. Este incrédulo de religião, este partidário da sociedade leiga, repetia-me com ternura “Era a minha madrinha.”

Entrou em seguida o medico: “Dr. Não tenho dormido; faça que eu durma, senão enlouqueço. Nós saímos, o medico ficou auscultando-lhe o coração. Continuando a conversação recaiu sobre diversos assumptos; a entrada do dr. Magalhães na camara, a necessidade que há na politica de altruistas, de dedicados e como a roda da politica os esmaga e tritura; falou -se dalgumas individualidades do seu partido e dum dizia-nos ele: não pode ser forte, porque é devasso; só pode ser forte o homem casto.

Abraçámo-nos, despedindo-nos. – Até ao meu regresso das camaras, - dizia eu.

- Cá fora, interrogado o medico dizia que ele tinha o figado afetado, bastante lesado o coração, mas que, se escapasse daquela febre intestinal, com regimen de tranquillidade e repouso poderia viver alguns anos.

Alguns anos! N’essa esperança fomos com o dr. Magalhães para a sua casa no Penedo da Rainha, e de lá, no dia seguinte, para a Fadagosa e para Castelo de Vide, d’onde seguimos para Lisboa.

Os anos foram dias. A visita fora no dia 14; a morte no dia 25.

Foi civil o seu enterro, segundo as suas determinações. Á beira do tumulo o dr. Magalhães pronunciou as seguintes palavras:

“Meu amigo: Venho rezar junto da tua última morada a oração da minha amizade agradecida; prestaste as honras que se devem á memoria d’um homem cuja passagem pela terra deixou sinais dum altruismo pronunciado á custa de pesados sacrificios.

Afagaste na minha mocidade, lendo umas insignificâncias literárias que a minha pena inábil produziu, a minha vaidade de estudante. Animaste-me a prosseguir, a trabalhar.

Fizeram-me bem os teus conselhos calorosos e leais, leais principalmente, porque tu foste na vida um simbolo de lealdade.

Venho aqui agradecer-te esse estímulo e esse exemplo.

Há pouco tiveste junto do teu leito uma sumidade científica do nosso país, o nosso amigo dr. Laranjo, aquela visita representa uma gloria na tua vida, porque se ele não admirasse em ti qualidades de caracter não viria tão solícita e carinhosamente dar-te o último adeus de despedida.

A tua vida mal se descreve n’um livro – tão tumultuosa e acidentada ela foi – mas resume-se numa frase – foste um visionário da justiça.

Olhaste do fundo da tua intelligência impulsiva para amoral social e tudo sacrificaste a esse ideal abençoado, não tiveste tempo para pensar em que esse ideal só pode tornar felizes os outros, fazendo mártires os eus adeptos.

Constrangia-te o espirito a marcha politica do teu país e foste cortando intemerato o oceano, para junto dos nossos irmãos d’alem mar, aonde tinha já vingado o teu credo politico. E não foste lá mais feliz!



As tuas últimas disposições foram ainda uma abnegação e um exemplo. Não quiseste fausto no teu enterro – apenas um lençol pediste para cobrir a nudez cadavérica de quem tinha sido na vida um símbolo da honra e do trabalho. Não viste realizar aqui o teu ideal, mas morreste lutando por ele – foi como se o realizasses.

Não recuaste nunca, foi a morte que se apressou.

Descansa em paz.”

De longe, de Lisboa, as boas irmãs da santa que fora sua esposa mandaram-lhe sufragar a alma. “Ele, diziam elas, não gostaria, se soubesse, mas era o desejo de nossa irmã, e a alma dela sorrirá no céu por nos lembrarmos da alma dele.

Nós trazemos-lhe o preito do nosso testemunho. Era alentejano d’alma generosa, d’imaginação exaltada, sincero, e por tudo isto infeliz; a sua vida foi triste, a sua biografia é bela, mas é uma lição.

Como os mártires, ele aceitou a sua sorte.

“Como o mineiro da Sibéria que trabalha durante uma existência sem nunca ver a luz do dia, escrevia ele no Almanach para 1879, continua minando sepulto nas trevas da ignorância e do despotismo, minamos e trabalhamos para fazer luz e justiça n’este caos de devassidão e absurdos”.

Como esse mineiro de que fala ele trabalhou, teve frio e não viu a luz; descansa agora em paz, tendo sobre a campa a facha da luz que merece.

Lisboa 15 de setembro

José Frederico Laranjo” (\*)

(\*) *O Distrito de Portalegre*, nº, 1284, 1286, 1288 e 1289, dos dias 31 de agosto e 6, 13 e 17 de setembro de 1905

No mesmo jornal o *Distrito de Portalegre* de 31 de agosto de 1905, lê-se:

Vítimado por uma lesão cardíaca faleceu ontem sepultando se o grande e ilustre re-

## CORRESPONDÊNCIAS

### SANTO ANTONIO DAS AREIAS

“O DISTRICTO DE PORTALEGRE”, 26-8-1905

publicano José Carrilho Videira. Logo que se sentiu doente deixou a sua quinta da Casa Branca e veio para junto dos seus que lhe dispensaram sempre todos os cuidados e carinhos, porque muito o estimavam e queriam. Por disposição testamentaria o seu enterro foi civil, comparecendo neste ato o sr. Administrador do concelho acompanhado do seu secretario sr. João da Conceição Dias, que lavrou o respetivo auto. Foi conduzido para o cemitério pelos seus trabalhadores, acompanhado dos seus amigos pessoais e de muito povo, que, deveras admirado por não ver no funeral o elemento eclesiástico, dizia que era o primeiro enterro sem dobre de sinos e sem padres que tinha visto.

Falou á beira da sepultura o Sr., dr. Magalhães, que enalteceu as qualidades de caracter do mosto, bem como em sentidas frases, ali lhe agradeceu os conselhos que por vezes lhe dispensou ao encetar a sua carreira literária.

Na verdade, era um bom, cativando com o seu modo e trato afável quem dele se acercava. A sua conversa própria d’um experimentado, prendia a atenção. Pelas suas convicções politicas tornou-se conhecido dos principais homens do nosso país e do Brasil, onde esteve também alguns anos.

Foi condiscipulo e muito amigo do ex.mo par do reino dr. José Frederico Laranjo, de quem, em companhia do dr. Magalhães, há pouco tinha sido visitado.

Sendo viúvo e não tendo filhos deixou legados a suas sobrinhas D. Maria da Estrela Carvalho Motta, D. Maria Ignéz de Carvalho Serrano, D. Maria Helena Serrano Gordo, e a seus sobrinhos Francisco Serrano e José Pinto Simões; não se esquecendo também d’uma sua cunhada moradora em Lisboa.

Nomeou seu testamenteiro o seu cunhado e muito amigo Francisco José Carvalho em casa de quem faleceu.

Que descansa em paz o grande caudillo, que tanto trabalhou por um ideal que só lhe dispensou sofrimentos.

Á ilustre família do extinto enviamos a expressão do nosso sentir.

(Correspondente)”





Handwritten signature of José Carrilho Videira in cursive script.

Assinatura de José Carrilho Videira aos 22 anos



Handwritten signature of José Carrilho Videira in cursive script.

Assinatura de José Carrilho Videira aos 42 anos



Handwritten signature of José Carrilho Videira in cursive script.

Assinatura de José Carrilho Videira aos 60 anos





## 12 Pensamentos de Carrilho Videira

1

Quanto mais fortes estão os exercitos, mais segura e facilmente attraem a guerra e os males que a acompanham.

Quando os povos dirigirem os seus proprios negocios, as coisas no mundo irão bem. Quando elles tratem dos seus negocios e os effectuem por si, não os veremos, triste rebanho, servir de instrumento á paixão dos conquistadores apregoados, os zangãos do universo.

O povo que tiver as melhores escolas é hoje ou será amanhã o primeiro dos povos.

JCV 1867

2

Nenhum paiz como Portugal está nos casos de constituir uma federação. Temos um vasto litoral, magnificas colonias e um solo fertilissimo.

Podiamos facilmente constituir no continente quatro estados; o do Norte, tendo por capital o Porto, o do Centro Coimbra, o do Sul Lisboa e o do Algarve Faro. Cada estado dividir-se-hia em Cantões ou districtos e estes em municipios ou communas, como tivemos nos principios da monarchia. Estas agrupações deviam ser feitas só a contento do povo, pelo sultugio e não a capricho dos ministros.

A receita sobejaria porquo cada municipio paga hoje ao poder central, vinte vezes, pelo menos, o que este dispende em cada um.

JCV 1878

3

O bem que ellas liseram, está feito; e é este factu mais uma prova de que não deve nunca o povo amar demasiado um homem, e segui-lo sempre. Os individuos servem emquanto vão no caminho recto; os seus trabalhos nunca se perdem, a ideia cauinta sempre, o homem morre e o principio justo acaba sempre por triumphar. É por isso, que nós, com fé e enthusiasmo, que temos nos nossos principios, dizemos aqui e em toda a parte: Viva a *Republica Democratica Federal*.

J. Carrilho Videira.

4

Uma era nova, era de liberdade e justiça evidentemente está para se iniciar.

A *revolução* não quer, nem póde, nem deve tirar a cada um o que legitimamente possui, mas quer, póde, deve e necessita proporcionar a todos as condições de se desenvolverem e trabalharem em harmonia com a constituição do seu organismo, e as inclinações do seu character. Desde que a sociedade abula os altos cargos de rei, bispo e general, que não servem absolutamente para nada mais, do que fomentar as ambições, as guerras, os vícios e as barbaridades, todo o dinheiro dispendido com estas entidades perniciosas, ficaria na bolsa do contribuinte, e não veriamos tantos milhares de velhos mendigarem nas ruas porque se lhes proporcionará que fazer e tanto rapaz procurar trabalho e não o encontrar.

JCV 1878



6

Atheu em religião e anarchisca scientifico em politica, continúa a demonstrar aos seus correligionarios que as religiões e os governos tem sido as causas da ruina da humanidade.

Com a bandeira que arvoramos e que tem por lema: *Liberdade, Igualdade e Solidariedade* se agrupam hoje os elementos mais vigorosos e puros que ha no nosso paiz, e ainda ha pouco, sós, guerreados pelos republicanos democratas, e monarchicos, se manifestaram na urna 900 grandes consciencias a favor dos candidatos da *Junta Republicana*, os Drs. Manuel d'Arriaga, e Theophilo Braga, um advogado eloquenté e um sabio, dois caracteres novos e honestissimos.

JCV 1880

7

~~~~~  
 Pedese a abolição da pena de morte em materia politica. Em nome da justiça internacional, a justiça das justizas, peçamos, que a pena do morte desapareça do codigo de direito das gentes.  
 ~~~~~

JCV 1867

5

Um dia virá em que o homem deixará de ser machina para ser apenas director d'estas; em vez de cincoenta annos, media da vida do homem, viverá com, com o organismo robusto e a mente illustrada. A sciencia e só a sciencia é o que nos proporcionou os bens que já disfructamos e ella só nos levará a este estado bemaventurado.

No entanto, o que desde já necessitamos e reclamamos do estado, é pão e instrucção, para toda a criança, que appareça na sociedade. A monarchia, porém, nunca poderá generalisar a instrucção, porque a levaria a suicidar-se.

JCV 1867



8

Mas convirá á situação desgraçadíssima de Portugal, uma Republica Federal? Podemos afirmar que sim, e cremos mesmo que só ella nos tirará do abismo, para onde nos impelle o systema constitucional e todos os partidos, que dentro d'elle funcionam, o democratico incluso. Assoberbados por um numerooso exercito de officiaes famintos, por um grande e dispendioso pessoal ecclesiastico, que obedece mais a Roma do que ás leis do paiz, por um numero infinito de empregados publicos, tudo quanto o solocria e braço do homem produz, não chega para alimentar estes parasitas. E das nossas aldeias e das nossas villas, todos os annos vem contos e contos de réis, para pagar a esta gente e por mais, que o agricultor e o operario pague não chega nunca. No entanto para a aldeia é que nunca mais volta o dinheiro, que de lá saiu.

JCV 1867

9

Ora se a familia real absorve, 1:000 contos, por anno, são mais de dois contos de réis por dia.

Suppondo que o operario vença, por dia 700 réis, áois contos pagam 2:857 operarios diarios, que trabalham e produzem em beneficio da sociedade; e, por anno, pagariam 1.200:000 trabalhadores agriculas, que vendessem a 500 réis diarios! Supposto isto deixará alguém de confessar, que a monarchia é uma superfluidade apparatusa, pesada e inutil? Se por acaso a familia de Bragança fosse pobre não deviamos mesmo hesitar um instante em abulir os privilegias, que disfructa; mas dá-se o caso de que essa familia é a mais opulenta de Portugal, em bens proprios, que lhe teia sido doados e legados.

JCV 1867

320

10

Patriotas sinceros e liberaes, compenetrac-vos d'esta necessidade e d'este dever; agrupae elementos, propague a sancta doutrina, que nos salvará do abysmo e nos proporcionará um futuro de justiça, progresso, paz e bem estar.

*Viva a Republica Federal!*

Lisboa 29 de agosto de 1876.

J. CARILHO VIDEIRA

11

Systema politico, porém, que concilie todos os interesses, que garanta todos os direitos e que approxime um povo do grandioso ideal, para onde a humanidade caminha, não ha outro senão o *Federativo*. É esta nossa opinião não é filha de qualquer theoria philosophica, mas da verdade e da pratica demonstrada, ha muito.

JCV 1867

321



## VERDADES

*Soberanos e funcionarios:* Não produzem nem riqueza nem sciencia, e devoram aquella e retardam esta.

*Legisladores:* Não produzem nem riqueza nem sciencia e promovem destruição da riqueza, formulando leis, que oppõem o homem ao homem, as nações ás nações.

*Padres:* Não produzem nem riqueza, nem sciencia e não ganham o bastante da primeira, senão ensinando aos homens cousas de imaginação em vez de se dedicarem ás verdades demonstradas.

*Medicos:* Nenhum produz cousa alguma e na maior parte não tractam de curar rapidamente, para ganhar mais, com os males, que convinha prevenir.

*Militares:* Em vez de produzirem riqueza ou sciencia, não são criados senão para destruir a riqueza e os homens, e por seu intermedio é que alguns tentam renovar a barbarie no mundo civilisado.

*Agricultores, manufactores, constructores, etc.* São os que tiram da terra ou do mar as materias primas ou que as manipulam de modo a utilisarmos d'ellas; formam com os cirurgiões, que os tractam, quando se frem, a unica classe util á sociedade; as demais, são-lhe, ainda mais prejudiciaes que inúteis. Esta classe que devia gozar de tudo, de tudo está privada, graças á ignorancia em que permanece, pela necessidade, de trabalhar, sem descaço para se poder sustentar.

JCV 1867

WILKINSON

1678 1948  
LIBERDADE DE CONSCIENCIA

E

# O JURAMENTO CATHOLICO

CARRA

AO EX.º SR. PROCURADOR GERAL DA COROA E FAZENDA  
MARTENS FERRÃO

POR

JOSÉ CARRILHO VIDEIRA



LISBOA  
NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL  
96, Rua do Arsenal, 96  
1878



# MERCEARIA PÉROLA DO ARSENAL



96

Atual aspecto do local onde estava instalada a livraria de José Carrilho Videira na Rua do Arsenal, n.º96, em Lisboa



## Referências bibliográficas

- CATROGA, Fernando, *O Republicanismo em Portugal. Da Formação ao 5 de outubro de 1910*, FLUC, Coimbra, 1991.
- HOMEM, Amadeu Carvalho, *Da Monarquia à República*, Palimage, Viseu, 2001.
- LIMA, Sebastião de Magalhães, *Episódios da Minha Vida. Memórias Documentadas*, Livraria Universal, Lisboa, 1928.
- OLIVEIRA, Lopes de, *História da República Portuguesa. A Propaganda na Monarquia Constitucional*, Inquérito, Lisboa, 1947.
- VENTURA, António, *Anarquistas, Republicanos e Socialistas em Portugal. As convergências possíveis (1892-1910)*, Edições Cosmos, Lisboa, 2000.
- VENTURA, António – José Frederico Laranjo - Trinta anos de política, Assembleia Distrital de Portalegre, Viseu, 1984.
- VENTURA, António – "José Frederico Laranjo" (1846-1910), Edições Colibri, Lisboa, 1996



## Emília Mena

### HISTÓRIA DE UMA FONTE – uma fonte com história A Fonte do Concelho de Marvão

Há alguns anos atrás, fruto do meu interesse e das minhas pesquisas sobre o concelho, falando sobre Marvão, fui amavelmente recebida pela D<sup>a</sup> Joaquina Raposo, a quem agradeço, e à conversa veio como a Fonte do Largo do Espírito Santo tinha chegado a Marvão, pois o seu lugar original não era esse. Foi assim que tive acesso a todo o dossier onde seu marido, Joaquim Raposo, documentou todo esse processo.

Há histórias assim: por iniciativa de um Marvanense, Joaquim do Espírito Santo Raposo, com o apoio e a concordância do então Presidente da Câmara Municipal de Marvão, Manuel Berenguel Vivas, foi trazida para Marvão a monumental Fonte



Joaquim Raposo

(do Concelho por ser o local original onde estava), para a Vila onde poderia ser apreciada pelos turistas para que desfrutassem da sua beleza.

Foi então que se iniciaram os trabalhos de desmontagem da Fonte do Concelho, coordenados por Joaquim Raposo, que anotou e guardou todos os documentos de despesa inerentes, elaborou um dossier que intitulou: “Despesas feitas com a desmontagem da Fonte do Concelho, transportes e reconstrução na Vila de Marvão – dezembro de 1946 a junho de 1947”, onde estão guardados todos os encargos com as obras de mudança, pagamento aos pedreiros, aos serventes, seguros de acidentes de trabalho, materiais necessários à obra, serviços de táxi para trazer pedreiros a Marvão, cal da Escusa, pagamento de chamadas telefónicas do posto público de Marvão, pagamento de telegramas, registo pormenorizado do dinheiro que recebia do Sr. Manuel Vivas, e das despesas que